



José Cardoso Pires

Um ano todo-bom para vossas excelências

VEIO POR cima dos oceanos, montado numa vassoura, como uma bruxa celeste em forma de galinha esparvoada. Bruxo não era, estava-se a ver; anjo também não, embora tivesse asas; e ave ainda menos porque em vez de voar ia com o vento, de patas para o ar, num espalhafato de penas e de escamas soltas. Tinha bico, é certo, ou algo assim — mas um bico armado de dentes ferocíssimos, então isto admite-se? “Não. Este animal não existe”, declarou o Nosso Primeiro Aníbal quando o foi visitar ao telhado da Telecom onde ele tinha feito poiso. E regressou ao Conselho de Ministros.

Acontece que, ao tomarem conhecimento dum animal tão esdrúxulo, em Zengzu, no centro da China, dois cientistas que trabalhavam em fósseis de ovos de dinossauro passados a raios gama, vieram a correr até cá, à Telecom, e mal depararam com o bicho puseram-se todos às vénias e aos pinotes de alegria. “Yun lung, yun lung!” Sorte próspera, sorte próspera; finalmente tinham encontrado um exemplar do arqueopterix de há milhões e milhões de anos e, ainda por cima, vivinho!

Um arqueopterix, caramba. O célebre dinossauro com penas, o meio réptil, meio ave, com asas terminadas em garras, patas de grifo, unhas rapaces — tudo a conferir, tudo.

Um senão apenas: este animal, mesmo em cadáver, era uma colmeia de vírus electrónicos que se reproduziam sem cessar, criando espécies cada vez mais misteriosas. À despedida, os dois chineses avisaram o cidadão Todo-Bom deste inconveniente; mas ele, como Presidente Absoluto da Telecom, sabia mais de viroses electrónicas do que os chineses, e mandou-os irem arejar para as monções. Foram. Desfizeram-se em vénias, coitadinhos, até não ficar nada deles no horizonte.

A partir daí, diz-se, Todo-Bom começou a ter entendimentos a tal ponto misteriosos como o arqueopterix, que até o deixava assinar por ele. E bem.

“Em política, o que parece é”. Este elogio da mentira ensinou-o em tempos Salazar e repetiu-o há dias o PSD Luís Filipe Menezes. Compreende-se. No corporativismo sentimental do Mestre Cavaco Silva e dos seus discípulos, o inconsciente cultural denuncia a cada passo certas sintaxes e certas metáforas salazaristas que não lhes ficam lá muito bem. Questão de ouvir e estar atento. E se andarmos por cá um par de séculos, ainda veremos um Presidente Arqueopterix a ser comemorado acima de Marconi, como anjo das Comunicações.

Muito antes, porém, já o País dos Portugueses (como lhe chamava Cavaco, nosso Primeiro) andava contagiado pela tele-sida da SIS, que se transmitia por espionagens telefónicas ao desbarato e por microfones à desvergonha. De tal maneira que o procurador-geral da República já só reunia em clandestino e os partidos da Oposição em linguagem cifrada. Isto para não falar de escutas eróticas via Telecom, nem dos gravadores secretíssimos nos cortiços dos “pillow-talks”.

Mas com a subida do arqueopterix à cúpula da Telecom, a pirataria da comunicação transformou-se em terrorismo social. Os computadores, injectados com vírus malignos, e os contadores de impulsos, em taquicardias desvairadas, desataram a emitir recibos tortuosos, recibos duplicados, recibos de audiotextos nunca lidos nem ouvidos, e os portugueses do Nosso Primeiro sem ninguém que os salvasse daqueles roubos de crê ou morres.

“Acha que as alegadas fraudes da Telecom não têm razão de ser?”, perguntou um repórter da TV ao Presidente Telecom.

E este, logo arguto, como sempre: “A Telecom é uma empresa do Estado e uma empresa do Estado não é suposta fazer fraudes”. Para perguntas avacalhadas, respostas inteligentes — assim é que Todo-Bom enxofra.

Por isso está sempre a falar de “rigoroso respeito pela legalidade”, como o falecido Salazar, e quando lhe vêm com trafalhões, coisa e tal, responde que barbaridades dessas só prejudicariam os clientes; e sem clientes a sua Telecom não poderia viver. O que é mentira, e ele sabe-o bem, porque as vítimas espoliadas não têm outro telefone senão o da Telecom.

Mentira, portanto. Mas a mentira ainda é o menos: quando o Carrasco de Santa Comba Dão mentia cá para dentro um Portugal que ninguém dizia lá fora; quando o Nosso Primeiro falava e fala alto do Aqui, Oásis; quando Todo-Bom, presidente, afirma que temos as comunicações telefónicas mais baratas da Europa ou perto disso; não é a mentira descarada que nos ofende, é a humilhação que o Poder nos quer impor ao rebaixar-nos a inteligência.

“Em política, o que parece é”. Este elogio da mentira ensinou-o em tempos Salazar e repetiu-o há dias o PSD Luís Filipe Menezes. Compreende-se. No corporativismo sentimental do Mestre Cavaco Silva e dos seus discípulos, o inconsciente cultural denuncia a cada passo certas sintaxes e certas metáforas salazaristas que não lhes ficam lá muito bem. Questão de ouvir e estar atento. E se andarmos por cá um par de séculos, ainda veremos um Presidente Arqueopterix a ser comemorado acima de Marconi, como anjo das Comunicações.

Nessa altura, o zodíaco chinês, em memória dos sábios que vieram em tempos à Lusitânia, substituirá o nome do ano do Porco, que é este que estamos a viver com alguma inquietação, pelo de Dinossauro com Asas, que esse, ao menos, sempre tem outra poesia. ●